

"Viva a Nova República, viva Tancredo"

313

PEDRO COSTA
Enviado especial

"Ai, ai, ai, tá chegando a hora, o dia já vem raiando, meu bem, Tancredo tá indo embora." Desde as primeiras horas de ontem, cantando refrões populares como este, o povo de São João del Rey procurava assegurar seu lugar à beira da Avenida 31 de Março, que liga o pequeno Aeroporto Castello Branco às redondezas da terra natal de Tancredo. Improvisando cartazes e faixas, os conterrâneos do presidente fizeram inúmeras cruzes de ramos e flores ao longo da avenida. Vontade de ver o corpo do filho mais ilustre não faltava: durante 39 dias os são-joanenses viveram momentos de tensão, embalados pelas notícias nem sempre auspiciosas

sobre a saúde de Tancredo, na esperança de vê-lo pisar a terra como presidente da República.

No aeroporto, armou-se um forte esquema de segurança. Soldados do 11º Batalhão de Infantaria, com sede na cidade, se colocaram em pontos estratégicos da área do aeroporto, que um dia Tancredo prometeu reformar para receber aeronaves de grande porte. Por volta de 7h30, os familiares do presidente começaram a chegar. D. Zininha e D. Mariana, suas irmãs, o ministro da Fazenda Francisco Dornelles, seu sobrinho, d. Lucas Moreira Neves, primo, e outros, todos empunhando no peito o crachá "Família Neves". Depois chegaram o prefeito da cidade, Cid Valério, e o bispo de São João, d. Antônio Carlos Mesquita.

Mais de uma hora depois, às 8h40, um Bufallo da Força Aérea Brasileira despontou no céu azul da cidade, acompanhado por dez aviões Tucano da Esquadilha da Fumaça de Belo Horizonte, como escolta. O cortejo aéreo sobrevoou longamente a cidade e às 8h56 o Bufallo desceu na pista, trazendo políticos, familiares e o esquife do presidente Tancredo.

O governador de Minas, Hélio Garcia, foi o primeiro a descer. Ainda no segundo degrau da escada, deu a mão a d. Risoleta que, visivelmente cansada com a maratona de homenagens a seu marido, se dirigiu até a fila de autoridades que a aguardava. Chorando, ela abraçou longamente o prefeito da cidade, no momento em que os dez aviões da Esquadilha da Fumaça

faziam no céu uma cruz em homenagem a Tancredo. Pela porta traseira do avião da FAB, soldados do Exército, em uniforme de gala, retiraram o esquife do presidente eleito. Seu ataúde foi colocado no blindado do Exército M-113, que acompanhado por sete jipes deu partida ao cortejo, em direção à BR-283, recapada às pressas pelo governo do Estado para receber a avalanche de autoridades.

Já na avenida 31 de Março, viajando num Gálexie do governo estadual, d. Risoleta viu a mesma cena dos últimos três dias, embora com redobrada emoção, pois se tratava do povo da terra em que ela e o dr. Tancredo se casaram, tiveram filhos e ainda moraram por muito tempo. Gente humilde, da roça, atordoada com tantos carros, moto-

cicetas, carroças e bicicletas, ficou à beira da pista. O tenente-coronel Bini Pereira, comandante do 11º Batalhão de Infantaria de São João e responsável pela segurança do comboio, teve dificuldade para afastar os são-joanenses, que insistiam em esperar para ver o esquife do presidente no meio da pista, atrapalhando o cortejo.

Vencidos os primeiros três quilômetros, no bairro Colônia do Marçal, uma multidão já gritava "rei, rei, rei, Tancredo é nosso rei", agitando bandeiras improvisadas até com fraldas, papel velho e fronhas. O cortejo desacelerava à medida que se aproximava da cidade. Outras faixas, afixadas nas varandas das casas, diziam: "Tancredo, você morreu mas vive dentro de nós". Quando chegou ao Bairro das Fá-

bricas, a multidão jogava papel picado, gritava slogans, chorava. "Viva a Nova República, viva Tancredo."

Quando o cortejo chegou à avenida Rui Barbosa, onde numa praça do mesmo nome estão as estátuas de Getúlio Vargas e Tiradentes, a cidade se iluminou. Imediatamente, a maria-fumaça, estacionada na estação da estrada de ferro Oeste de Minas — que liga São João a Tiradentes —, deu um silvo longo e apaixonado, como num adeus a Tancredo. Muita gente chorou. À frente do cortejo, uma faixa rasgada estampou a frase cunhada por Tancredo quando se tornou governador, em 1982: "Liberdade, o outro nome de Minas".

Agência Estado